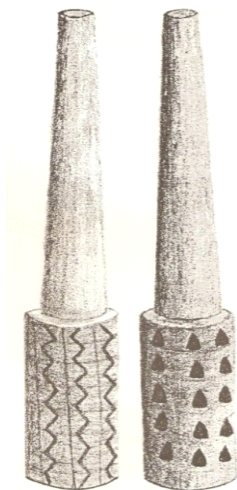


A CORRIDA DE TORAS CURTAS E TORAS LONGAS ENTRE OS AKWÊ XERENTE NA FESTA CULTURAL DO DASÍPÊ

Afonso Tiikwa Xerente



Para escrever sobre a origem da corrida de toras dos Akwē Xerente, eu entrevistei o ancião Pedro Smissuite Xerente na aldeia Salto Kripre, no dia 11 de outubro de 2019. Esse povo, do qual faço parte, é composto por duas metades, denominadas Doí (sol) e Wahirê (lua). Na metade *Doí*, estão os clãs Kuzã, Kbasi e Krito, que são identificados por um traço pintado em seu corpo; na metade Wahirê, os clãs Krozake, Krãiprehi e Wahirê, que trazem no corpo a pintura de um círculo. Ao todo são, portanto, seis clãs, e cada um tem o seu clã de respeito, ou complementar: Kbasi e Krosake; Krito e Krãiprehi; Kuzã e Wahirê. Entre eles, existe uma rede de deveres e obrigações mútuas.

Os clãs se tratam como Nārkwā: os Kbazi chamam os Krozake de Nārkwā e vice-versa. Esses dois clãs se servem e se complementam em momentos muito importantes. Por exemplo, se falece uma pessoa do clã do Kbazi, quem faz a sepultura é um Krozake, e a do Krozake quem faz é o Kbazi. O mesmo acontece com os clãs Krãiprehi e Krito: os Krãiprehi fazem as sepulturas para os Krito, e os Krito, para os Krãiprehi. Isso acontece com todos os clãs de nosso povo. Assim, as almas respeitam quem está trabalhando na sepultura; se for alguém do mesmo clã, elas não o respeitarão, já que são parentes próximos. Até as almas reconhecem quem é do seu clã.

Antigamente, as pessoas só se casavam com alguém do seu clã de respeito: não havia namoro entre um rapaz e uma menina do mesmo clã. Se o pai do rapaz gostasse de uma menina do clã de respeito, ele ia junto com o seu filho até o pai daquela menina para pedi-la em casamento. Do mesmo modo, se o pai da menina gostasse de um rapaz do clã de respeito, ele ia com a sua filha pedir o rapaz em casamento.

A estrutura e o funcionamento político e social dos Akwē Xerente não são, entretanto, o foco deste capítulo. Meu tema central são as corridas de tora curta e de tora longa realizadas pelo meu povo durante a sua festa cultural, o *dasīpĕ*.

Meu entrevistado, o ancião Pedro Smissuite Xerente, contou-me que a tora usada nas corridas veio de debaixo da terra. O dono da corrida de tora era o tatu-canastra. Um índio, ao caçar, achou o buraco desse tatu e entrou para

ver se ele estava lá dentro. Então o tatu se escondeu com a intenção de tomar a frente do índio quando este estivesse voltando para sair do buraco.

Quando o índio vinha voltando, o tatu tomou-lhe a frente e falou: “agora vamos descer.” Aí foram descendo e, de repente, a terra desabou e o índio foi parar em cima de um pé de buriti. Ali ele ficou uns dois dias. O índio olhava lá embaixo e via uma grande sucuri, que é a guardiã dos buritis e do brejo. Muitas caças passavam naquele lugar.

Certa hora, passou um magote de caititus, muito rápido, para que a sucuri não os pegasse. O índio gritou para eles:

– Eh, eh! Como vou descer daqui?

– Você tem que pular daí para o seco, porque, se você cair dentro do brejo, a sucuri te pega.

– Está bom.

Então ele pulou e conseguiu chegar no seco, pegou uma estrada e foi andando. Era a estrada do tatu-canastra, mas ele não sabia. Ele chegou ao lugar onde o tatu morava, e lá havia muitos outros tatus. Eles corriam a corrida de tora, e o índio passou um ano ali vendo essa corrida. O tatu ensinou ao índio tudo sobre a corrida.

Primeiro falou para ele não pegar nenhuma tora para correr, porque as toras eram um buriti inteiro. O tatu sabia que o índio não conseguiria correr com uma tora daquelas. Todos os dias tinha a corrida de tora e o índio acompanhava tudo. Ele até se pintava com as cores do partido a que pertencia, mas o tatu não o deixava pegar a tora. Ali ele aprendeu todas as regras das toras. Por fim, o tatu permitiu que ele corresse com a tora, mas, quando ele pegou aquele buriti inteiro, não correu muito e já o deixou cair. O buriti quebrou de pedaço em pedaço, e todos os tatus gritaram:

– Agora vocês vão correr com o buriti lapidado ou cortado. Se o índio não tivesse deixado cair a tora, hoje a corrida seria com o buriti inteiro, mas agora tem de ser com o pedaço.

Assim se deu o surgimento da corrida de tora. Essa história contada pelo ancião, poucos sabem contá-la, mas ela é muito importante. Eu mesmo só sabia correr com a tora, mas não sabia de onde tinha vindo essa corrida. Descobri na minha pesquisa essa parte da nossa cultura, que nós, os jovens, temos que saber. Foi muito bom entender como aquele índio trouxe para o meu povo Akwê Xerente esse ritual, que até hoje está vivo dentro dos Akwê.

Esse ritual da corrida de tora é muito significativo e só acontece na festa cultural denominada *dasîpê*, destinada à nomeação dos meninos e das meninas da aldeia Salto Kripre. Ele vem no final do *dasîpê*. A tora grande usada na corrida é necessária para o ritual das nomeações masculina e feminina: sem ela, não acontecem estas nomeações. Tudo que aquele índio aprendeu sobre o significado da corrida e da tora, ele ensinou para o meu povo quando voltou para a terra onde vivemos hoje. Esse ritual tem grande relevância para nós, por isso hoje estamos preservando os nossos buritizeiros. Temos ciúmes dos nossos buritis, que servem também como alimento e como remédios.

Segundo o meu tio Augusto Sôwêkô Xerente (Figura 1), membro da aldeia Salto Kripre, município de Tocantínia, o *dasîpê* não está mais sendo realizado nas aldeias Akwê Xerente por falta de anciãos, pois algumas aldeias não têm mais o ancião. Esse meu tio já foi cacique da aldeia Salto Kripre, onde mora. Ele é do clã Kbazi, ao qual eu pertencço. É falante de duas línguas. Quando o entrevistei, ele afirmou que há seis anos o ritual não acontecia. Ele diz saber de muitos rituais, mas ele sozinho não dá conta, e está preocupado com isso. Em sua opinião, a festa cultural do povo Akwê Xerente não pode acabar. Temos que reforçar nossos rituais, porque, se não fizermos a festa cultural, não haverá a nomeação masculina nem a feminina. E até eu estou preocupado com o que ele falou, mas vamos organizar uma festa cultural com a corrida de tora tradicional do povo Akwê Xerente. Estamos todos ansiosos com essa longa interrupção dos rituais.

A Figura 2 traz um grupo de anciãos organizadores do *dasîpê*. Os saberes que eles têm são muito valiosos para os jovens, por isso é muito bom pesquisar e escrever sobre sua sabedoria, fortalecendo a nossa cultura. São os anciãos que

nos transmitem essa cultura e ensinam os *wapté* (rapazes) a tratar com gentileza e consideração o seu “partido de respeito”. Eles não aceitam brigas internas, porque, se acontecer, por exemplo, um ferimento grave, o partido da pessoa que foi ferida pode pedir um alto preço como pagamento pela agressão. E, nesse caso, o partido do agressor não pode falar nada: o único jeito é pagar aquele preço. Isso tudo é ensinado dentro da aldeia. No *dasîpê* cada ancião aconselha seu próprio partido a respeito dessas e de outras coisas.

A fotografia dos anciãos na Figura 2 foi feita depois da festa do *dasîpê*, em 2014. Até mesmo a reportagem estava presente no encerramento da festa, dando notícia para o Brasil sobre a cultura dos Akwê Xerente. Alguns dos anciãos da fotografia já nos deixaram, e sentimos uma grande saudade.

Figura 1 – Augusto Sówêkô Xerente, meu tio do partido Kbazi, círculo médio, e eu



Fonte: Tiikwa Xerente (2014).

Figura 2 – Anciãos organizadores do *dasîpê*



Fonte: Tiikwa Xerente (2014).

Quando o *dasîpê* dos Akwê Xerente vai ser realizado, primeiro os anciãos e o cacique fazem uma reunião e discutem quais ritos terão lugar durante o evento, porque não dá para acontecer todos na mesma festa. A cada ano podem ocorrer de um a três rituais. Essa reunião tem também outras finalidades, como ensinar os mais jovens, escolher uma aldeia para sediar a festa do *dasîpê*, normalmente, a maior aldeia, e decidir qual a tora vai ser levada na corrida no final da festa. Existem duas toras grandes, chamadas *îsitro* e *krānkrāmĩ*, que são carregadas por dois homens adultos, cada um pertencente a um partido. As duas toras têm sua partida e sua pintura específica. O nome da partida é *btâmhã* e o da pintura, *stêromkwa*. Esses dois nomes ainda não têm tradução na língua portuguesa.

Depois de decidir o local onde acontecerá o *dasîpê*, os anciãos escolhem quatro mensageiros (*danôhikwa*), um de cada clã. Esses mensageiros são responsáveis por fazer o convite às aldeias vizinhas para a festa. Os moradores dessas aldeias vão todos alegres para o *dasîpê*, levando os filhos para serem batizados e nomeados. Nesse ritual, o principal são as nomeações.

Antigamente se faziam brincadeiras com os mensageiros, mas hoje não se fazem mais: eles são escolhidos e pronto, já começam o seu trabalho. São eles que preparam as toras, a cantoria e as danças, e, ao longo da festa, fazem a vigia dentro da aldeia. Eles têm que observar quem está participando bem, os homens e as mulheres, porque, durante a cantoria, estes devem somente cantar e dançar: não podem namorar.

O cantor tem que ser o *sekuwa* (xamã), visto que, no decorrer do cântico e da dança, os nossos antepassados já mortos chegam para participar também e podem triscar em alguém vivo que está ali cantando e dançando, de modo a adoecer essa pessoa. Se, de repente, alguém cai durante o cântico e a dança, o *sekuwa* já sabe que foi uma alma dos antepassados que encostou nele, ou nela, então vai lá fazer o seu trabalho para a pessoa ficar boa. Só o xamã pode fazer essa cura, pois, para outros, isso é muito perigoso.

A nomeação masculina ocorrida no *dasîpê* é feita no meio da multidão. Na escolha do nome masculino, é necessário muito cuidado para não se colocar em um menino um nome pertencente ao clã oposto, ou seja, à outra metade do clã. Cada clã tem os seus próprios nomes. Os anciãos levam o menino para os nomeadores fazerem o batismo dele, e, ao batizá-lo, os nomeadores gritam o nome indicado para que todos o escutem. Se o nome atribuído ao menino for do outro clã, um ancião já corrigirá os nomeadores dizendo: “Esse nome não é de vocês não.” Os nomeadores são escolhidos pelos anciãos. O menino vai para o batismo todo pintadinho, com a cabecinha amarrada com palha de buriti.

O *dasîpê* começa com a nomeação feminina (Figura 3). O pai da criança a apresenta aos anciãos um dia antes do batismo, para que pensem no cântico apropriado para o nome dela. No dia da nomeação, o tio da menina manda

pintá-la com a pintura do clã do pai dela, colocar-lhe os colares de tiririca e amarrar o seu cabelinho com uma fita de buriti. A criança tem que ser bem enfeitadinha para o batismo. Se ela tiver de dois a três aninhos, será pintada com o símbolo de um animal, por exemplo, o do *padi* (tamanduá-bandeira) ou o da *buku* (onça).

Figura 3 – Abertura do ritual de nomeação feminina: em fila, os participantes cantam de casa em casa



Fonte: Tiikwa Xerente (2014).

Depois de enfeitada, a menina é levada para o pátio, onde os anciãos já estão à espera. Ela é acompanhada pelos tios e pelas tias, que dançam atrás dela. É uma tia que dança segurando a menina; a mãe não a acompanha, fica em casa esperando.

A menina que vai receber o nome tem que ter o seu par. Por exemplo, se ela é chamada Wakedi, outra menina tem que receber esse nome também, junto com ela. Então, as duas crianças com o mesmo nome chegam ao pátio, e os anciãos chamam todos os homens novos para cantar, dando início à ce-

rimônia. Em fileira, começam na primeira casa a cantoria, batendo o bastão no chão e cantando. Eles cantam de casa em casa, para que a comunidade da aldeia e de outras aldeias conheçam o nome dado às meninas. Assim que todos chegam perto de onde começou a cantoria, as meninas são tiradas do grupo pelos seus tios e devolvidas às mães pelas tias. Enquanto as tias vão levar as crianças, os tios continuam cantando com os anciãos. Embora possam ter três nomes, daquela hora em diante, as meninas são chamadas somente pelo nome recebido no batismo.

Assim que termina a cantoria da nomeação, o tio da menina prepara a comida tradicional para pagar as tias que dançaram para a sobrinha, e assim segue a nomeação feminina.

O cântico e a dança à noite

Logo que encerram as atividades do dia, todos vão jantar, e, depois de um intervalo, cantar e dançar.¹ O anoitecer se dá mais ou menos às dezoito horas de relógio, e, nesse momento, começam os cânticos e as danças para a criançaada. Esses cânticos não precisam ser cantados pelo xamã; qualquer homem pode cantá-los. Eu mesmo já fiz o cântico e a dança para as crianças. Os anciãos e o xamã ficam ali vendo a criançaada cantar e dançar, e isso dura até as vinte horas, não podendo passar desse horário.

Depois começa a cantoria e a dança com os adultos, e estas são obrigatoriamente conduzidas pelo xamã. Ele faz a cantoria com o maracá. São muitos os cânticos que ele conhece, cada um com seu próprio significado, como o cântico e a dança do peixe. Nesse cântico e dança, o homem dança com os braços no ombro de uma mulher, e todas as demais colocam os braços nos ombros umas das outras. Existem um cântico e uma dança dos quais somente homens solteiros e mulheres solteiras podem participar, porque se dança bem abraçado. Se o homem está casado com uma mulher que já é separada de outro,

1 Como antigamente não havia relógio nas aldeias, o xamã fazia o convite no pátio, com a voz bem alta: “Depois que a noite cair, vai cantar e dançar.”

caso ele ou ela participem da dança, pode haver uma outra separação. Nessa cantoria, as mulheres cantam e dançam só de tanguinha. Não podem usar os casacos, mas apenas as pinturas corporais.

Quem faz vigia na cantoria são os quatro mensageiros. Eles ficam durante a primeira festa da cantoria, que vai até às onze horas da noite. Depois tem intervalo para o lanche e, então, outro xamã pode pegar o maracá e continuar a cantoria. Às vezes, ela vai até o amanhecer, principalmente quando é a última noite do *dasîpê*. No intervalo da cantoria, o xamã faz um experimento com os participantes da festa: ele coloca o maracá no pátio e diz: “Quem vai lá pegar o maracá? Se alguém tiver coragem, pode ir lá e pegar.” Mas ninguém vai, porque todos sabem que, se uma pessoa pegar o maracá, pode se dar mal e até cair. Assim fala o *sekwa*, e então ninguém encosta no maracá. Todos ficam com medo.

Corrida de tora curta (*îknō*) durante o *dasîpê*

Todas as vezes que acontece a corrida de toras pequenas, um ancião e os mensageiros chamam os homens, as mulheres e os adolescentes para correr com a tora. A corrida de tora curta é praticada durante o *dasîpê* todas as manhãs e tardes. Primeiro são os adolescentes, tanto os meninos como as meninas, que correm com a tora pequena acompanhados pelos quatro mensageiros. Os meninos seguem juntos para o local onde estão as toras, e, quando chegam ali, os mensageiros dividem o grupo de doze em doze. Só então os meninos começam a correr, acompanhados pelos mensageiros (Figura 4). No trajeto da corrida, os mensageiros vão ensinando-os a fazer o revezamento da tora, que deve ser carregada por todos os integrantes da corrida. Nesse percurso, a comunidade já percebe se determinado menino, ou menina, será um corredor ou uma corredora.

Figura 4 – Corrida de tora curta dos meninos durante o *dasĩpê*



Fonte: Sinã Xerente (2011, p. 129).

Depois dos meninos, são os homens adultos que correm, sob as mesmas regras, com uma tora curta preparada especialmente para eles. Os mensageiros fazem a divisão deles para correr com essa tora, que, embora pequena, pesa entre oitenta e noventa quilos, aproximadamente, e machuca os ombros. Alguns homens adultos sabem de uma folha que pode ser usada para evitar o cansaço durante a corrida. E já que todos ficam com os ombros machucados, existe também um remédio tradicional preparado para curar esses ferimentos.

A tora curta para a corrida dos homens adultos (Figura 5) é feita de palmeira de coco babaçu. Pode ser preparada a qualquer momento, pois não precisa passar a noite no local de onde partirá a corrida. Segundo a entrevista com Augusto Sôwêkô Xerente, feita na aldeia em 2019, essa corrida é muito importante para que o corpo não se desacostume de correr com a tora. Não há muito segredo para esse evento. Formam-se dois grupos iguais de corredores e, quando vão

buscar a tora, um cântico próprio para a ocasião precisa ser entoado. Os dois grupos ficam em círculo na hora do cântico. Na chegada, acontece a mesma coisa: eles fazem o círculo e cantam em volta da tora, dançando. Temos que retomar essa corrida, porque hoje ela não está acontecendo no *dasîpê* da maneira como acontecia todos os anos. Há três anos que esse ritual não ocorre fielmente dentro da tradição.

Figura 5 – Preparo da tora curta (*îknô*) para a corrida dos homens adultos



Fonte: Tiikwa Xerente (2014).

O cântico dos homens no warã, fora da aldeia, na mata

Antigamente os Akwê Xerente não tinham escola, e sim o *warã* (casa dos homens), onde os anciãos ensinavam tudo da cultura. Como temos seis clãs,

cada clã tinha o seu ancião para passar-lhe os ensinamentos no *warã*. Ali as mulheres não entram, nem quando vão levar comida para os homens durante as reuniões deles. A comida é levada pelas irmãs ou esposas dos homens. Eu não cheguei a conhecer o *warã*, mas meu pai contava que a aprendizagem dentro dessa casa era muito boa.

Dentro do *warã* são entoados os cânticos dos homens no ritual de nomeação masculina. Vários anciãos podem participar do ritual para ensinar os rapazes muito novos, principalmente a respeito das relações entre os clãs. O cântico no *warã*, às vezes, dura uns quatro dias: os homens entram de manhã e só saem de tardezinha, e no outro dia retornam. As mulheres não podem ir aonde eles estão cantando, portanto quem pega a comida que levam para eles nesses dias são os *danôhíkwa* (mensageiros). Ali também não entram meninos menores de quinze anos, mas só a partir dessa idade.

No *warã*, todos os homens cantam com o bastão na mão, às vezes, batendo-o no chão, às vezes, segurando-o perto do peito. No último dia do cântico, os anciãos escolhem um homem e duas mulheres acima de quinze anos e levam para o *warã*, lá onde estão os homens. Chegando lá, eles são enfeitados com uma pintura corporal, feita por alguém de seu clã complementar. Por exemplo, se o homem é do clã Kbazí, quem faz a pintura nele é alguém do clã Krozake, um clã de muito respeito. Se ele é um Krozake, é pintado por um homem do clã Kibazí, e por aí vai. É uma troca de pintura entre os clãs de respeito.

As duas mulheres, o homem que as enfeita coloca-lhes na cabeça um cocar amarrado com fita de buriti. Elas usam também tornozeleiras femininas, atadas com o mesmo tipo de fita. Os homens que estão no *warã* também recebem uma pintura corporal. Essa pintura é diferente da usada pelos dois homens que foram levados pelos anciãos. É feita de carvão e passada no rosto e nas pernas dos homens.

Dentro do *warã*, há um reconhecimento dos parentes através da pintura corporal, ou seja, graças a essa pintura, ali os homens e os meninos de todas as aldeias são reconhecidos por seus parentes. Se alguém tiver alguma dúvida

a respeito de seus familiares, no *warã*, ele vai tirá-la. A Figura 6 traz um grupo de rapazes identificados por sua pintura corporal.

O ensinamento sobre as pinturas corporais começa em casa. Os pais ensinam os filhos meninos e as filhas meninas a fazer essas pinturas. Nesses momentos, eles aproveitam para falar também dos clãs de respeito. Por exemplo, se a família é do clã Kbazi, seu clã de respeito é o Krozake, e o pai vai ensinar o filho a tratar devidamente esse clã. Existem os cumprimentos específicos para os integrantes do clã de respeito, não sendo permitido cumprimentá-los chamando-os por seus nomes indígenas.

Figura 6 – Rapazes durante a pintura corporal



Fonte: Tiikwa Xerente (2014).

Para as pinturas corporais, organizam-se duas fileiras, uma formada de Doidtêkwa e outra de Ísakedtêkwa, nomes dados às duas metades dos clãs. As fileiras incluem os três pares de clãs de respeito: Kbasi e Krosake; Krito e

Krãiprehi; Kuzã e Wahirê. Cada clã coloca o carvão no rosto do outro clã e depois todos fazem um ensaio para sair na direção da aldeia.

As duas fileiras saem do *warã*, e então os dois clãs de uma mesma metade se juntam e formam duas fileiras. Como a metade do Krito é o Kbazi e a metade do Kbazi é o Kuzã, o grafismo desses é representado por círculos. Do outro lado, outro grupo é formado por Krozake, Wahirê e Krãiprehi, que saem em fileiras, aos pares, bem agachados e com o bastão na mão, andando devagarzinho na direção do pátio da aldeia. Os grupos de nomeadores vão atrás, com seus arcos e flechas bem grandes. Ao chegar no pátio, os homens das fileiras fazem o cruzamento e depois saem para depositar em um lugar os bastões usados na caminhada e a cordinha que trazem amarrada no pescoço como colar. Em seguida, os *danôhikwa* (mensageiros) pegam esses objetos e jogam dentro de um córrego.

Depois disso vem a corrida de tora grande. Os dois partidos que correm com a tora amanhecem no pátio da aldeia, cada partido com o seu ancião. Afinal, os homens que vão correr não podem dormir com suas esposas. Segundo o ancião, se eles tiverem relação sexual, poderão acordar com o corpo mole e se machucar na hora da corrida.

Corrida de tora grande (*ĩsitro*): associações e regras

Tanto para a corrida de tora pequena quanto para a de tora grande, há um conjunto de regras que devem ser obedecidas. Para a tora pequena, as regras são mais leves, pois ela é cortada no mesmo dia da corrida, sem precisar dormir cortada da noite para o dia, como a grande. A tora pequena é carregada por dois grandes grupos de homens, que são divididos por um dos mensageiros durante o *dasĩpê*. A corrida com essa tora é uma preparação para a corrida de tora grande. Quando estão faltando dois dias para terminar a festa do *dasĩpê*, os anciãos mandam os corredores pararem de correr com a tora pequena para poderem descansar.

A Figura 7 traz duas toras grandes preparadas para a corrida. Essa foto foi tirada no dia 3 de agosto de 2014, na aldeia Salto Kripre, durante o *dasĩpê*,

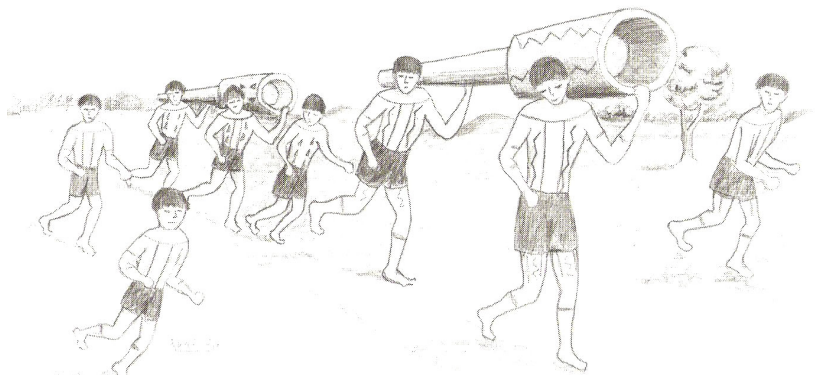
feira de nomeação dos meninos e das meninas. Os que estão próximos às toras são os ganhadores da disputa, e ali, no chão, há vários alimentos para eles. Na Figura 8, aparecem essas duas toras sendo carregadas na corrida.

Figura 7 – Toras grandes, que são carregadas por dois homens



Fonte: Tiikwa Xerente (2014).

Figura 8 – Corrida de toras grandes



Desenho: Walter Krãirdu Xerente.

As regras para a corrida de tora grande envolvem muitos passos.

Primeiro passo: preparar a tora grande (Figura 9). É preciso ter quatro mensageiros (*danôhikwa*) para este trabalho. Eles têm que pertencer a dois clãs sociais diferentes e bem respeitados, sendo um deles o Dói, que faz parte da pintura representada pelo círculo médio, e o outro o Wahirê, do círculo menor. Serão dois mensageiros do Dói e dois do Wahirê. Quem escolhe os mensageiros são dois anciãos, um de cada partido. Esses quatro *danôhikwa* devem correr na frente com a *iknô* – ou com a *ĩsitro*, quando for o caso. São eles que conduzem a corrida. Portanto os corredores não podem ultrapassá-los. Isso já é uma regra dentro da corrida de toras.

Ninguém pode ver os mensageiros preparando a tora grande, especialmente as mulheres e as crianças. Não podem saber o peso da tora, que chega a mais ou menos 150 quilos.

Figura 9 – Preparação da tora grande



Fonte: Tiikwa Xerente (2014).

A preparação da tora grande dura uns três dias. Para começar, os quatro *danôhikwa*, um de cada clã de respeito, devem escolher para essa tora uma palmeira de buriti do brejo, bem alta e bem alinhada. Depois que a palmeira é derrubada com um machado, duas toras são cortadas do mesmo tronco, uma para cada partido. Existem dois grandes partidos, o dos homens mais velhos, chamado Htâmhã, e o dos mais novos, o Stêromkwa. Se um pai tem quatro filhos, o primeiro filho vai pertencer ao partido do Htâmhã, o segundo, ao partido do Stêromkwa, e assim sucessivamente: o terceiro será Htâmhã e o quarto Stêromkwa.

A primeira metade do tronco de buriti é destinada ao partido Htāmhã. Esse partido tem seu próprio cântico e, na hora de sair em busca da tora grande, os homens cantam muito alto. A segunda parte do tronco, do meio para cima, fica com o grupo Stêromkwa.² É cortada do meio para a ponta da palmeira de buriti.

Assim que termina a preparação das toras grandes, os dois anciãos responsáveis pelos partidos são avisados e reúnem os seus homens, os *simwaptemnôĩ* (rapazes adultos) para dar sequência ao ritual. Os anciãos contam muitas histórias para os rapazes, falam sobre o respeito que cada um deve ao outro e à natureza, ensinam a sobreviver etc. Se a corrida for acontecer no dia seguinte, os rapazes dos dois partidos ficam cantando no pátio durante a noite. De manhã cedo, eles fazem grandes círculos para a cantoria própria da tora grande. Cantam muito alto mesmo e dançam, todos pintados com o símbolo do partido a que pertencem.

Segundo passo: colocar a tora no local de onde será levada no outro dia cedo. Hoje as toras grandes estão sendo levadas de caminhão para o local onde passam a noite antes da corrida (Figura 10), mas antes não era assim. A disputa entre os dois partidos começava onde a tora era preparada, pois ela era carregada até o pátio da aldeia. A estrada era só um “treininho”: era muito ruim, e os grupos tinham que correr ali transportando a tora até chegar no pátio. Mas, como a cultura é dinâmica e vai se transformando, atualmente ela é carregada no carro, conforme dito.

2 Até onde eu sei, esse partido costuma perder a disputa da corrida, pois, segundo o entrevistado Augusto Sōwēkō Xerente, os rapazes mais novos que o compõem têm medo de pegar na tora grande para correr. Às vezes até deixam cair a tora. E se ela andar caindo, o outro partido, o dos mais velhos, poderá ultrapassar. Os mais velhos não têm medo de pegar a tora para correr, nem a deixam cair, porque já estão acostumados com essa corrida.

Figura 10 – Transporte da tora grande no caminhão



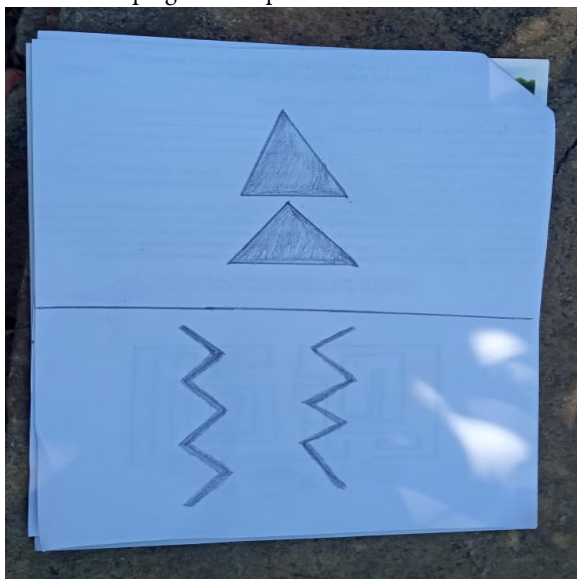
Fonte: Tiikwa Xerente (2014).

Pela regra, dois xamãs, um do partido Htâmhã e outro do Stêromkwa, aos quais pertence a tora, têm que dormir no local onde ela é deixada para passar a noite. Segundo os mais velhos, a tora grande não pode dormir sozinha, porque os antepassados brincam com ela e, assim, os que vão correr poderão ser atropelados por ela e se machucar, quebrando braços ou pernas.

Terceiro passo: os homens que vão correr não podem dormir com a esposa, conforme já comentado; eles vão dormir no pátio da aldeia, para evitar que tenham relação com suas esposas e se enfraqueçam. Segundo o entrevistado Augusto Sôwêkô Xerente, não é só para impedir a relação não, é porque não pode mesmo, confirma ele. Nessa noite, ali no pátio, os homens se alimentam de comidas tradicionais (carne de caça moqueada, peixe assado com farinha de mandioca etc.) e não ingerem nada de caldo.

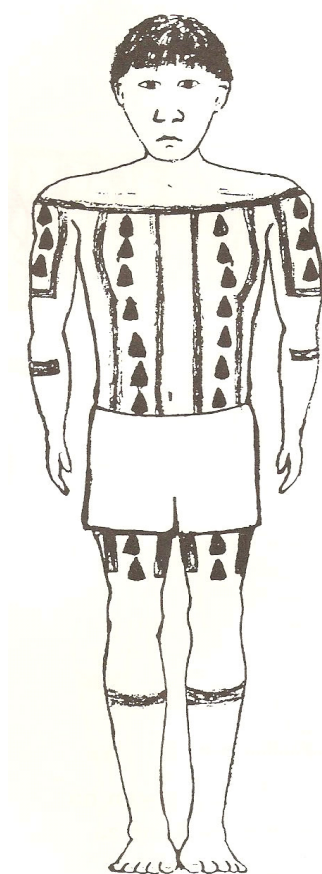
Quarto passo: fazer a pintura da tora e a pintura corporal daqueles que irão participar da corrida. A pintura é feita de acordo com o partido (grupo de homens) a que pertence cada participante. Na tora grande e em seus corpos, os homens do Htâmhã utilizam uma pintura triangular, que, para eles, representa a sucuri, uma sucuri mais curta. Na linguagem dos Akwê, essa pintura é também chamada *kukãihã* (casca de jabuti), e, além dela, coloca-se algodão nos corpos. Quanto aos Stêromkwa, fazem uma pintura em ziguezague, representando outra variação da sucuri, aquela que é mais longa. Os Akwê denominam *amkeparu* (listra da cobra) as listras que formam o ziguezague. Esse mesmo símbolo é usado na tora e nos corpos dos Stêromkwa. De acordo com as regras de complementaridade, os homens de um partido pintam os do outro, que é o seu “partido de respeito”. Os anciãos recomendam que as pinturas sejam bem feitas mesmo. As Figuras 11, 12 e 13 ilustram as pinturas corporais e das toras dos dois partidos.

Figura 11 – Símbolos empregados nas pinturas do Htâmhã e do Stêromkwa



Desenho: Afonso Tiikwa (2020).

Figura 12 – Homem do partido do Htâmhã com sua pintura corporal



Desenho: Walter Kráirdu Xerente.

Figura 13 – Homem do partido do Stêromkwa com sua pintura corporal



Desenho: Walter Krâirdu Xerente.

Quinto passo: feitas as pinturas corporais e da tora grande, os dois grupos fazem um grande círculo e cantam, dançando todos de mãos dadas.

Sexto passo: ambos os grupos saem em fileira. A primeira fila, a que vai à frente, é a do Htâmhã, e depois dela saem os Stêromkwa.

Sétimo passo: os dois grupos têm que ter obrigatoriamente dois anciãos para mediar os conflitos internos, que, muitas vezes, acontecem.

Oitavo passo: a tora não pode ter aquele “escorrimento” parecido com um catarro, pois, sendo escorregadio, ele acaba provocando acidentes durante a corrida. Quem deve observar isso é um *sekwa*.

Nono passo: cada ancião tem o seu remédio, para que o seu partido não perca a corrida.

Apesar de todas essas regras, algumas delas não estão sendo cumpridas hoje, principalmente a regra da dormida da tora, que deve amanhecer no local de onde partirá a corrida e ser vigiada por dois xamãs. Os homens que vão correr também não estão dormindo no pátio da aldeia. Assim, vêm acontecendo muitos “atropelamentos” durante a disputa com a tora grande: os próprios homens (*ambá*) se atropelam, e, na minha visão, isto se deve à quebra das regras e ao fato de quase não ter pajé. Além dos atropelamentos, a tora, muitas vezes, costuma cair nos dois homens que estão correndo com ela, embora os anciãos sempre falem que ela não pode cair, pois é aí que os homens se machucam.

A corrida da *īsistro* é realizada sempre na parte da manhã e, por isso, todos os homens que vão correr devem, obrigatoriamente, amanhecer no pátio da aldeia. Os anciãos contam muitas histórias ali, então é uma grande oportunidade de aprendizagem para os jovens. Eles aprendem também muitas cantorias para corridas de toras grandes. Tudo isso traz o fortalecimento da nossa linguagem. A Figura 14 retrata a corrida da tora grande do partido Stêromkwa, o partido dos homens mais novos, que, pela imagem, estão perdendo a corrida. Na Figura 15, o partido que corre a *īsistro* é o Htâmhã, também chamado de Kukâihã. Ambos fazem a mesma trajetória.

Figura 14 – Corrida da tora grande (*ĩsitro*) dos Stêromkwa, passando no Saltinho para chegar na aldeia Salto Kripre



Fonte: Tiikwa Xerente (2014).

Figura 15 – *Ĩsitro* dos Htâmhã passando no Saltinho para chegar na aldeia Salto Kripre



Fonte: Tiikwa Xerente (2014).

Na imagem acima, os Htâmhã, que são os homens mais velhos, estão ganhando a corrida. Afinal, eles dominam melhor as muitas técnicas requeridas para correr com a tora grande. A figura mostra um Akwê na frente comandando a corrida e outro atrás somente acompanhando. Quem está à frente não pode ser empurrado pelos que estão atrás. Se isso acontecer, facilmente ocorrerá o atropelamento. Assim são conduzidas as duas toras grandes pelos dois partidos.

Segundo os entrevistados, a corrida com a tora grande acontece somente no final da festa cultural *dasîpê*, um ritual muito importante para os Akwê Xerente, principalmente, durante as nomeações masculina e feminina. Depois dessa corrida, os meninos e as meninas irão correr com a tora pequena. A corrida é o momento de peso das nomeações e o arremate da festa do *dasîpê*.

Corrida de tora curta dos adultos

A corrida com a *îknô* (com a tora curta) também é praticada pelos adultos (Figura 16). Até hoje ela acontece durante o *dasîpê*, sendo realizada todas as manhãs e às tardes. Essa corrida não tem muitas regras: os participantes se dividem em dois grupos e não se pintam para suas partidas, mas é preciso ter os quatro *danôhîkwa* (mensageiros) dos dois clãs, sendo dois de cada metade oposta. Por exemplo, um Kbazi, que faz parte da Bolinha Média, e um Kuzâ, da Bolinha Menor, ambos da mesma metade; um Krozake e um Wahirê, da outra metade.

Figura 16 – Corrida de tora curta dos adultos

Fonte: Tiikwa Xerente (2014).

Quando a corrida dos homens adultos com a *īknō* ocorre de manhã, à tarde eles não sentem cansaço. Eles se revezam para carregar a tora, um de cada vez. O comprimento dela é de um metro, e o seu peso, de mais ou menos 85 quilos, por isso hoje os mais novos têm medo de pegá-la. Atualmente existe uma corrida entre casados e solteiros, e os solteiros costumam perder a corrida, porque nem todos eles pegam a tora. As palmeiras para preparar as toras curtas para a *īknō* dos adultos são o buriti (Figura 17) e o babaçu. O babaçu pesa mais do que o buriti. A palmeira de buriti, na nossa cultura *akwē*, tem grande valor. É uma árvore nativa encontrada somente no brejo, ela não nasce no cerrado. O entrevistado Augusto Sōwēkō Xerente informa que o buriti é empregado também na tora grande. Assim como eu, ele pertence ao clã Kbazidtêkwa, da aldeia Salto Kripre. Augusto Sōwēkō é do círculo médio.

Figura 17 – Palmeira de buriti



Fonte: Tiikwa Xerente (2014).

A cama das toras

Segundo os mensageiros, as toras não podem ser colocadas no chão, nem a grande, nem a pequena. Devem ser postas sobre uma cama para a sua proteção e para facilitar sua colocação no ombro e o revezamento na corrida. A cama que protege a tora é feita com a palha do coquinho de piaçaba do cerrado (Figura 18). Os galhos são tirados com as mãos: não podem ser cortados com faca ou facão. Este é um segredo dos anciãos e dos pajés.

Figura 18 – Cama das toras

Fonte: Tiikwa Xerente (2014).

A cama é aprontada em um local indicado pelos anciãos, a uma distância de aproximadamente dois quilômetros da aldeia, e, depois de pronta, colocam-se nela as toras. A tora só é pintada depois de colocada na cama própria (Figura 19).

Dois mensageiros ficam encarregados de pintar as toras, cada uma com a pintura de seu partido. Outros dois ficam na aldeia, sendo responsáveis por conduzir os dois grupos (Stâmhã e Stêromkwa) que estão indo buscar as toras preparadas para a corrida. Os dois grupos saem em fileiras, os Stâmhã na frente e os Stêromkwa atrás.

Figura 19 – A tora na cama, sendo preparada para a corrida (à direita, um *sekwa*, guardião da tora)



Fonte: Tiikwa Xerente (2014).

A tora que se vê na imagem acima está sendo pintada ao amanhecer, e do outro lado está a outra. As toras não podem ser manejadas no período noturno, uma vez que os nossos antepassados costumam correr durante a noite, e eles não podem pegar nelas. Se as almas pegarem na tora, poderá haver atropelamento e acidentes durante a corrida. É por isso que os *sekwa* vigiam o local de pernoite dela. Eles conversam com as almas, proibindo-as de pegar na tora, e elas atendem.

A tora que está sendo pintada sobre a cama é do partido Stêromkwa, que usa o símbolo do ziguezague, e a outra, numa cama que se encontra ao lado, é do Htâmhã. Depois de pintadas de carvão, as toras são enfeitadas com algodão e ficam lindas. Os homens que gostam de correr sentem-se alegres assim que chegam ao local e as veem.

A dança do *padi* (tamanduá-bandeira)

Depois da corrida de tora grande, acontece a dança do *padi* (tamanduá-bandeira). Logo que alguns homens saem em busca da tora para a corrida, dois outros se afastam para o mato, junto com um ancião, a fim de se caracterizarem como tamanduá-bandeira. Os dois homens têm que ser de dois clãs opostos, um Kbasi e um Krosake,³ um Krito e um Krâiprehi, um Kuzã e um Wahirê, os três pares da relação *isidanārkwā*, conforme visto anteriormente. Devem se tratar como *isidanārkwā*, indicando uma relação de respeito e complementaridade: um Kbasi precisa de um Krosake e assim por diante. O ancião que acompanha os dois homens ensina-os a usar a palha de buriti para fazer a imitação de um tamanduá-bandeira, e eles então se caracterizam para a dança do *padi*.

Quando chegam no pátio da aldeia, ao final da corrida de tora grande, os corredores fazem um círculo de mãos dadas e cantam e dançam ao redor da tora, como haviam feito antes da corrida. Assim que terminam o cântico e a dança, chegam os dois homens imitando o tamanduá-bandeira, ambos empalhados com a folha do buriti (Figura 20), e aí todos fazem um círculo para recebê-los. Então eles entram e dançam dentro do círculo com um bastão embaixo do braço, e, dançando, vão procurar sua comida, porque o ancião deixa preparados para eles dois pratos preferidos dos tamanduás. Eles dançam até encontrar sua comida e, às vezes, demoram para achá-la, pois, estando totalmente cobertos com a palha de buriti, têm dificuldade para enxergar. Enquanto não acham a comida, eles continuam dançando, e todos os que estão no círculo brincam com eles. As crianças têm medo porque eles correm atrás delas, brincando. Algumas estão vendo o *padi* pela primeira vez, então sentem mais medo.

O *padi* é o arremate do *dasîpê*, o fechamento desse ritual que nós, Akwê, chamamos de festa cultural. A dança do *padi* não tem um canto próprio, mas somente aquela dança dentro do círculo. Assim que acham a comida feita para

3 Durante minha pesquisa, descobri que os Krozakesaptorê e os Krozaketepo preferem se identificar como Ísake.

eles, os dois homens a entregam para suas esposas e saem. Assim termina o *dasîpê*, e todos já ficam com saudade das outras aldeias que estiveram presentes na festa. Os anciãos fazem o choro ritual, expressando essa saudade dos parentes, saudade de ter o seu clã pertinho de sua outra metade. Os mais novos também ficam com saudades, mas a aprendizagem é grande. Dali, cada um sai com seu próprio aprendizado e, se ficar em dúvida sobre alguma parte do ritual, poderá perguntar depois para seu pai ou seu avô. Como eu: quando acabava o *dasîpê*, eu pedia ao meu pai para falar sobre algum rito que eu não tinha entendido, visto que muitos rituais passam rápido e, por vezes, não dá para compreendê-los.

Figura 20 – Dança do *padi* (tamanduá-bandeira)



Fonte: Tiikwa Xerente (2014).

A troca da comida

Antes da dança do *padi*, todos os homens que correram com a tora sentam-se em círculo para receber um prato de comida. São as esposas que levam

a comida para os maridos, e, se o homem não é casado, a comida é levada por sua mãe ou sua irmã. Os homens trocam o prato de comida recebido com o seu clã de respeito (*isidanārkwā*) e, assim, sabendo que vai haver essa troca, todas as mulheres capricham nas comidas. Todos se servem e, depois, os homens formam um grande círculo e o *padi* vem dançar no meio deles, sendo despido nesse momento pelos homens.

Īsitro e a comemoração dos Htâmhã e dos Stêromkwa

Após a corrida de toras, tanto os vencedores quanto os perdedores se reúnem no pátio da aldeia para comemorar. Em 2014, assisti à corrida de toras dos Akwē na aldeia Salto Kripre, e o grupo dos Htâmhã saiu vitorioso na corrida de tora grande, ou *īsitra*. Depois da chegada dessa corrida, os Htâmhã fizeram a festa da vitória (Figura 21) no pátio da aldeia.

Figura 21 – Comemoração da chegada vitoriosa do Htâmhã



Fonte: Tiikwa Xerente (2014).

O partido dos Stêromkwa, igualmente, comemorou a sua participação na corrida (Figura 22). Apesar de ter perdido, o grupo não se entristeceu, porque virá sua vingança no próximo ano. Meu parente Alpiê Gavião fazia parte desse grupo em 2014. Ele participou da corrida e gostou muito.

Figura 22 – Comemoração da chegada dos Stêromkwa



Fonte: Tiikwa Xerente (2014).

Dakrsu: associações para as corridas de toras

O *dakrsu* é formado por quatro associações muito importantes dos Akwê Xerente: Ainârowa, Krara, Krêrêkmô e Akemhã. Quase ninguém sabe da existência destas associações, principalmente os mais novos. Elas estão ligadas à ordem de nascimento dos filhos, independentemente do clã do pai. Se este tiver quatro filhos homens, seu primeiro filho pertencerá à associação Ainârowa, o segundo pertencerá à Krara, o terceiro, a Krêrêkmô e o quarto, à associação Akemhã. Isso é válido também para as filhas mulheres.

Durante o *dasîpê*, as refeições são distribuídas de acordo com estas associações. Quase todas as aldeias participam dessa festa, e, muitas vezes, o rapaz novo, ou a mulher nova, não sabe a qual associação pertence. Nesse caso, ele ou ela podem perguntar para seu ancião, e ele os ajuda a identificar sua associação. Para a distribuição do almoço, formam-se quatro fileiras, uma para cada associação. Os anciãos ficam encarregados de corrigir o posicionamento dos homens e das mulheres nas filas, porque pode acontecer de alguns ficarem na fila errada. Assim que são formadas as filas, passa um ancião em cada uma delas e pergunta aos seus integrantes de qual associação fazem parte. Se a pessoa tem certeza sobre sua associação e está na fila certa, ela continua nessa fila, mas, se está em dúvida, o ancião pergunta quem é o pai dela e em qual aldeia ela mora. Também lhe pergunta se ele ou ela é o primeiro filho ou a primeira filha. Se alguém está, por exemplo, na fila Ainârowa sendo o segundo filho, o ancião vai mandá-lo para a fila do Krara; se está na fila do Krara e é o terceiro filho, será mandado para a fila Krêrêkmô, e assim sucessivamente.

Pelas filas do *dakrsu*, os anciãos sabem calcular o crescimento das associações a cada ano. Esta observação só acontece anualmente, e só durante o *dasîpê*. Isso não é ensinado na escola, mas, na minha opinião, deveria ser.

Antigamente se organizava uma corrida da tora grande com as quatro associações. A corrida das associações é chamada *krānkrāmi*. Nessa modalidade, os Ainârowa (primeiros filhos) se juntam com os Krara (segundos filhos), e os Krêrêkmô (terceiros filhos) se juntam com os Akemhã (quartos filhos). Hoje não vi ainda esse ritual. Só presenciei a corrida da *ĩsitro*, na qual competem os partidos Htâmhã, cuja tora tem a pintura em forma de cone, e Stêromkwa, o da pintura em zigzag.

Corrida de toras na escola

A imagem abaixo (Figura 23) mostra a prática da corrida de tora pequena feita com as crianças na escola. Essa corrida aconteceu no pátio da aldeia, em 2014, quando eu mesmo a ensinei aos meus alunos. As toras pequenas dos

meninos, ou torinhas, devem medir em torno de cinquenta centímetros e pesar cerca de trinta quilos.

Figura 23 – Meninos da escola correndo com a torinha



Foto: Afonso Tiikwa Xerente (2014).

Antigamente a tora pequena era de bacaba ou de macaúba (Figuras 24 e 25), mas hoje ela pode também ser tirada do pé de buriti médio. O pé de bacaba é uma planta nativa nas beiras dos córregos, não nasce no cerrado. Seus cocos servem como alimento não só para os Akwê, mas também para os não indígenas. Com o fruto dela, fazemos suco natural. Segundo o entrevistado Augusto Sôwêkô Xerente, esse fruto é alimento também dos pássaros. Como indígenas, preservamos essa planta nativa.

Figura 24 – Pé de bacaba



Foto: Armando Sôpre Xerente (2014).

Figura 25 – Tora pequena de bacaba, para meninos e meninas



Foto: Armando Sôpre Xerente (2014).

Os Akwê precisam praticar a corrida com o tronco da bacaba ou da macaúba desde pequenos, para, no futuro, conseguirem correr com a tora grande. Afinal, é necessário muito treinamento para eles pegarem resistência e prática

no revezamento da tora durante a corrida. Se bem orientados, os meninos vão pegando o jeito de correr, de pegar a tora e de fazer os revezamentos. E é muito importante que eles aprendam; do contrário, a cultura vai se enfraquecendo.

O professor Manoel Sirinawe Xerente, um dos meus entrevistados, afirmou que os nossos adolescentes gostam de praticar a corrida de tora. Então podemos incentivá-los a aprender, desde cedo, as pequenas regras, principalmente o revezamento. O aprendizado é indispensável, porque ajuda no fortalecimento da cultura, da linguagem e dos cânticos ritualísticos. E, correndo, os meninos crescem com seu corpo bem resistente.

Apesar de agradecer às crianças, hoje essa corrida raramente acontece na escola ou no pátio da aldeia, pois os nossos jovens têm medo de pegar a tora e, às vezes, não são incentivados pelos professores indígenas. Mas a escola precisa ensinar essa cultura, não podemos esperar somente pelos anciãos. Por isso os professores indígenas têm que se qualificar nas pesquisas referentes à nossa cultura e repassar esses conhecimentos para os jovens.

Na corrida de tora pequena, não há regras: um professor *akwê* pode levar as crianças da escola a um local onde haja toras preparadas e, separando os alunos em dois grupos iguais, fazer uma corrida com eles para ir lhes ensinando. Assim os meninos vão crescendo com o corpo sadio e resistente, preparados para correr com a tora grande. O ensinamento é o mesmo para as meninas, mas as mulheres não fazem a corrida de tora grande, somente a de tora pequena, que é praticada desde a infância até a idade adulta.

Levi Srêzasu Xerente, técnico de enfermagem, conta que começou a correr com a tora desde pequeno, a fim de ter força física e preservar a saúde. Para participar dessa corrida, é preciso se alimentar bem, e o alimento têm que ser tradicional. Hoje o tipo de alimentação consumida pelos Akwê pode prejudicar-lhes a força física, segundo Levi Srêzasu. Ele observa que estão sendo consumidos muitos alimentos industrializados, e isso deixa as pessoas gordinhas e muito cansadas. É o que está acontecendo com os nossos jovens de hoje. Concordo com o que ele disse, porque já vi isso na corrida de tora.

Tem rapaz muito forte que não pega a tora para correr. Eu, na minha fase de jovem, não consumia muito produto industrializado porque meu pai só trabalhava na roça e eu o ajudava muito. Então comia alimentos naturais e praticava sempre a corrida de tora. Não fui ensinado na escola; aprendia só na festa cultural. Gosto muito de correr com a tora e disputar com os outros, até hoje eu gosto.

Atualmente, nossos jovens são ensinados nas escolas indígenas, e ali é um bom lugar para se aprender a corrida de toras, esse ritual tão significativo para meu povo, os Akwê Xerente. Na imagem abaixo (Figura 26), estou na Escola Indígena Waikarnãse, na aldeia Salto Kripre, ensinando aos meus alunos a dança e a cantoria na língua-mãe. Agora que temos a escola, podemos ensinar nesse espaço, sem precisar esperar só pela festa cultural do *dasîpê*. Essa é minha recomendação para todos os professores indígenas.

Figura 26 – Afonso Tiikwa com seus alunos, ensinando-lhes as tradições dos Akwê



Fonte: Tiikwa Xerente (2014).

Devemos manter vivos os nossos rituais, fazendo com mais frequência o *dasîpê* dentro das nossas aldeias e incentivando os nossos jovens a gostar de correr com a tora. Como eu falei, eles gostam, mas falta-lhes o estímulo vindo dos mais velhos, que não realizam muito essa festa cultural. Se ela for mais recorrente, nossas gerações irão aprendendo a nossa cultura, e ela permanecerá forte. Os professores, também, precisam ensinar a prática e a teoria. Esse é o papel da escola indígena diferenciada, garantida pelo artigo 215 da nossa Constituição.

Para finalizar, um pouco mais sobre o ensino-aprendizagem *akwê*

Nossa área indígena é homologada, e nela vivemos livremente. Dali tiramos, inclusive, as árvores para o nosso ritual da corrida de toras, mas seu corte é proibido para os não indígenas. Hoje até mesmo nós, os Akwê Xerente, preservamos essas árvores nativas, e esse é um dos motivos pelos quais as corridas de tora pequena acontecem raramente. E, quando cortamos uma árvore para ensinar esse ritual na escola ou no pátio da aldeia, utilizamos seu tronco várias vezes.

O professor ou a professora *akwê* podem ensinar essa corrida quando as crianças chegam à idade de dez a onze anos. Ela é repassada para meninos e meninas, primeiro oralmente e depois na prática. Qualquer professor homem pode preparar a tora pequena para as crianças. Os professores vão para o brejo ou para o matagal à procura de uma palmeira de macaúba ou de bacaba para fazer as torinhas. Preferencialmente se usa a palmeira de bacaba para preparar as toras, com machado e facão.

Depois das toras prontas, os professores as colocam no local onde começará a corrida. Não há divisão em partidos, mas somente as pinturas corporais, já que não se trata do *dasîpê*, e sim de ensinar às crianças a revezar a tora durante a corrida sem se machucar. Antigamente não se aprendia na escola, mas no *warã* (casa dos homens).

Não existe muito segredo para o preparo da tora pequena nem para a corrida, e praticá-la deixa nossos jovens fortes. No entanto está faltando muito, entre

os Akwẽ, para que o ensinamento das poucas regras aos jovens seja satisfatório. Eu, como mestrando, tenho essa preocupação. Precisamos fazer mais repetidamente o *dasîpê* nas nossas aldeias para o fortalecimento da linguagem e de todos os rituais e saberes que praticamos: casamento, nomeações masculina e feminina, cânticos, uso de remédios tradicionais vindos das plantas medicinais etc. Agora é a nossa vez de ensinar tudo isso através das pesquisas, documentar saberes e usá-los para produzir material didático para as escolas.

Referências e inspirações

- FARIAS, Agenor José Teixeira Pinto. *Fluxos sociais Xerente: organização social e dinâmica das relações entre aldeias*. 1990. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.
- FERREIRA, Ariel David. *Caminhos e sujeitos no adoecimento e na cura entre os Akwẽ Xerente*. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- KBAZDIMÉKWA XERENTE, Fernando. *Patrilinearidade entre os Akwẽ e os desafios enfrentados nos tempos atuais*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2008. Trabalho extraescolar.
- MAYBURY-LEWIS, David. Cultural categories of the central Gê. In: MAYBURY-LEWIS, David (org.) *Dialectical societies: the Gê and Bororo of Central Brazil*. Cambridge: Harvard University Press, 1979. p. 47-69.
- MAYBURY-LEWIS, David. Introduction. In: MAYBURY-LEWIS, David (org.) *Dialectical societies: the Gê and Bororo of Central Brazil*. Cambridge: Harvard University Press, 1979. p. 9-18.
- MELATTI, Julio Cezar. Nominadores e genitores: um aspecto do dualismo krahó. In: SCHADEN, Egon (org.). *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo: Nacional, 1976. p. 139-148.
- NIMUENDAJÚ, Curt. *The Serente*. Los Angeles: Southwest Museum, 1942.
- RODRIGUES, Kárita Segato. *Saúde reprodutiva das mulheres akwẽ-xerente: uma perspectiva intercultural*. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

SCHROEDER, Ivo. *Política e parentesco nos Xerente*. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

TIKWA XERENTE, Afonso. *A corrida de toras entre os Xerente*. 2014. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Intercultural Indígena) – Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

TURNER, Victor. *Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.

VALCI XERENTE, Sinã. *Akwe Xerente nisizem re hã hêsuka = Nomes próprios do povo Xerente*. 2011. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Intercultural Indígena) – Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

Pessoas entrevistadas (na ordem cronológica)

Pedro Smissuite Xerente, da aldeia Salto Kripre (2012).

Alexandre Krêwamzu Xerente, da aldeia Salto Kripre (2013).

Antônia Mmiropte Xerente, da aldeia Varjão Sdarãpa (2013).

Ari Kukrêkã Xerente, da aldeia Salto Kripre (2014).

Getúlio Kuzero Xerente, da aldeia Brejo Comprido Kâwrwkurerê (2014).